





# A CONFERENCIA DOS DIVINOS

(COMMENTADA)

TRAÇOS BIOGRAPHICOS DO SR. FERREIRA VIANNA

PROGRAMMA DO «CONSTITUINTE»

Preço: 500 Rs.



RIO DE JANEIRO

Escriptorio do CONSTITUINTE, rua do Ouvidor n. 101.

1885



320 (81) 1865-1885  
FER

A

# CONFERENCIA DOS DIVINOS

(COMMENTADA).

---

TRAÇOS BIOGRAPHICOS DO SR. FERREIRA VIANNA

---

PROGRAMMA DO «CONSTITUINTE»



# A

## CONFERENCIA DOS DIVINOS

( COMMENTADA )

---

### II

Horrivel tempestade está imminente sobre os tectos da cidade eterna. (1) Os relampagos alagam de luz as sete collinas, e logo as envolvem de mais densas trevas. Os raios se desprendem do céo, e, como serpentes, se enroscam nos monumentos metallicos. (2)

A terra treme, o ar rebomba e o povo dorme!

O *forum* não é mais a arena dos Gracchos, (3) é a parada dos Pretorianos (4)—a espada em vez da palavra.

Um vulto apparece diante do colosso que o celebre Zenodoro levantára com preciosas substancias á altura de 120 pés, em homenagem ao crime. (5) Nunca o genio se aviltou tanto.

---

(1) *Roma*, séde do governo dos Imperadores romanos.

(2) Estatuas, columnas de bronze, etc.

(3) Tiberio e Caio Graccho, tribunos do povo romano. Foram assassinados por ordem e influencia do senado aristocratico.

(4) Guarda dos Imperadores romanos.

(5) Zenodoro, celebre estatuario que fez a estatua de Nero, imperador romano, em relação ao qual o seu preceptor, Seneca, dizia: «o throno ensina o crime e a perfidia.»

Pára o vulto, e pareceu tremer aos pés do monumento. Rasgou-se um relâmpago e rotilhou na fronte do desconhecido o diadema dos Cezares. Era a sombra de um Senhor do mundo; logo após veiu outro, e finalmente um terceiro.

Vararam abraçados a área, saudaram o colosso e entraram na casa de ouro. (1)

Ao encontrarem a estatua da fortuna beijaram-lhe os pés de frio marmore com labios delles, que eram de fogo, e sentaram-se em frente.

Cerraram as janellas para não serem encommendados com a luz do céo e os roncos da tempestade.

E' noite funda—hora das supremas traições.

III

Um, de todos, o mais alto, disse:

— « Maldito povo, besta feroz que não posso domesticar !

« Dei-lhe jogos, não concorreu a elles. Dei-lhe victorias, não me saudou.

« Dei-lhe dinheiro, não se abaixou para levanta-lo.

« Dei-lhe pão, deixou-o apodrecer !»

— « O que queria então o povo ? (Interromperam os dois outros).

— « Queria liberdade e justiça », respondeu o primeiro, com amargo despeito.

— « Maldito povo » responderam os trez.

Levantou-se o segundo, mais baixo que o primeiro, porém reforçado das espaduas: (2)

(1) A casa de ouro era um vasto e sumptuoso palacio, o mais rico que tem havido no mundo, que Nero mandou construir para si sobre as ruinas de Roma produzidas por um incendio que devorou deus terços da cidade e de qual elle mesmo passava por seu autor.

(2) Nero, que mandou matar a propria mãe, Agrippina, para mais seguramente governar.

— « Tambem eu dei-lhe jogos, trigo e victorias, e tudo desprezou. Em altas vozes exigiu justica—augmentei o numero dos algozes; clamou por liberdade—multipliquei as victimas; insistiu, incendiei Roma; replicou, cantei na lyra em quanto gemia; conspirou contra meu divino poder, massacrei-o! Em lugar de leis fiz mordaças; em lugar de sacerdotes criei espiões; em lugar de tribunas levantei fogueiras.

« Scena horrivel! As victimas insultavam-me, os moribundos amaldiçoavam-me e os cadaveres deixavam com o derradeiro alento, nos labios roxos, o mais penetrante sarcasmo!

« Das cinzas sahiam phantasmas, que não me deixavam dormir. Se fechava os olhos, arrancavam-me as entradas; se os abria, queimavam-me os meus, porque os seus eram de fogo.

« A noite para mim tinha ventre, de onde rebentavam milhares destes duendes horripilantes. Como é horrivel a noite! »

— « Horrivel, repetiram todos!

— « A noite é um ser vivo, que se move, que falla e que devora como um anthropophago; deve ser o senhor do inferno. Ali que não possamos dominar este monstro! Eu tinha medo que o sol me visse e que a noite me absorvesse. Os philosophos chamam a isto remorso. Miseraveis cogitadores, nunca tive remorso; o que eu tinha era medo. » (1)

« O dia com seu sol e a noite com suas trevas, venceram-me. Agora mesmo, passando pelas estatuas que ornamentavam esta cidade iacrilvel—vi na mão de uma um punhal, era Mario.—Corri; na mão de outra o instrumento da tortura, era Scylla. — Cahi sem forças; todas se moviam e queriam estrangulnar-me!

« Nem os Cezares me queriam poupar! A noite aviventa os mortos e faz diluir os vivos. A propria

(1) « O medo, diz Toulotte, é o segredo dos tyrannos » E' que apesar da coroa, da purpura ou do manto feito de papos de tucaos que os enfeitam, elles são feitos da mesma massa que os malfitores da mais baixa condição social.

terra se remexeu em meus passos, ora quente como se pisasse suas entranhas vivas, ora fria como se tropeçasse nos cadaveres de minhas victimas.

« Aborreci-me de governar; convoquei o povo—que medonho espectaculo! »

— « É verdade! É verdade! rosnaram os dousoutros. »

— « Convoquei o povo, não me olhou; não sei se por odio, se por medo. Despi a toga imperial e atirei-a no meio da multidão—rasgaram-a em milhares de fragmentos que o vento levou. Lancei ao touro, que já rugia e cavocava a terra, o meu diadema; todo o meu ser, desapareceu debaixo de suas patas. Entreguei-me como um prisioneiro, ninguem me tocou. Desci as escadas do imperio e não achei uma enxerga. »

— « Maldito povo! entoaram todos com tal raiva, que as palavras pareciam punhaes envenenados. »

E cahio o segundo soberano do mundo, vertendo dos labios espessa espuma. Oh! se o povo fosse uma formiga, alli a matára e a engolira. (1)

### III

Ergueu-se o terceiro, que ainda não tinha falado. Era joven, desconjunctado do corpo, e disse com entoação feminil: (2)

— « Vós, meu prezado irmão, apontando para o primeiro, e vós, meu primo, olhando para o segundo, (3) commettestes um grande e irreparavel erro: não

(1) Todos elles são como Calligula, que dizia que desejava que o povo romano tivesse um só pescoço para matal-o mais facilmente. A diferença é que uns pensam e dizem, e outros pensam e não dizem. E' d'estes ultimos que Caro, membro da academia francesa, diz: « a astucia é mais mortifera do que a violencia. »

(2) Já o leitor dev' ter advinhado que vai fallar o Cesar brasileiro. Era ainda joven na epoca em que foi escripta a *Conferencia dos Divinos*.

(3) E de vez em quando lancando um *olhar de esguelha* para ambos.

empregar a politica de temporisacão, infallivel como a ferrugem, que consome o ferro mais rígido.

« Eu falsifiquei tudo; no meu tempo as honras eram sem honras, as dignidades sem dignidade; perverti o sentimento moral e teria conseguido fazer desapparecer a noção do bem e da justiça, se não procurasse refugio no lar domestico.

« Este Achilles é vulneravel no coração. A ambição é o que mata.

« Açulei todas as ambições e desprezei todos os homens; rebaixei a uns para elevar a outros, e vice-versa. A baixeza adheriu logo á minha politica, porque era a baixeza, a improbidade por que tirava lucros e a mediocridade, por que podia chegar até a minha divina pessoa. Em lugar de raios de Jupiter, distilei o veneno subtil e saboroso da corrupção; comecei por embriagar os grandes e cheguei até o povo. A corrupção caiu de cima para baixo como um orvalho. (1)

« Os homens de consciencia e merito eram poucos, e estes, ou beberam na taça mysteriosa o licor sublime, ou se recolheram ao seio da familia. Deixei-os vegetar na obscuridade; morreram abafados. Quando me encontravam procuravam occultar-se; ria-me delles.

« Dividi-os em partidos; servime de um para destruir o outro, e quando o vencido estava quasi morto, levantava-o para reduzir ao mesmo estado o vencedor. (2) Eram ferozes! A's vezes fingia querer conciliar-os para os confundir e corromper mais. Nivelei as cabeças das papoulas como o nosso avoengo illustre Tarquinio Soberbo. Neguei prestigio ao genio e gloria ao heroísmo, antepondo-lhe a mediocridade laureada e o egoísmo glorificado.

« Todos me amaram, e se alguns me despreza-

(1) « Nasce de cima a corrupção dos povos » exclamou uma vez um ex-ministro do Sr. D. Pedro II, o visconde de Nictheroy.

(2) A suppressão dos partidos politicos é a morte moral de uma nação. E' este um dos meios pelos quaes o Imperador reduzir o Brazil ao estado de cadaver.

raam, era no intimo do seu coração e sem odio. Amavam-me tanto que se o diurno Jupiter Capitolino me concedesse oito mãos, seriam insuficientes para das-as a beijar à multidão que as solicitava de todos os lados.

« O meu reinado foi uma comedia, como chamava o seu, Augusto, nosso divino antecessor. Creio que representei, tão bem como elle, o meu papel. Não aborreci o vicio, nem amei a virtude; não arranquei aquelle, nem plantei esta,—servi-me ora de um, ora de outra, como convinha.

« Ao principio encontrei almas varonis, algumas se renderam com saudações, outras com honras e gorgetas para elles ou seus filhos, e contra as que ficaram firmes atirei a mediocridade ambiciosa. Coitados—morreram estallados, e, o que é mais, convencidos de que nada valiam. Não dei jogos, prazeres que passam e se esquecem; —dei empregos, e aagmentei o funcionalismo; (1) o ordenado é renda que pôde ser vitalicia se o servidor não se esquece de seu divino senhor.

« Não dei victorias, alcancei derrotas e fui saudado freneticamente, e tanto que me obrigaram a dizer *basta!* e a rejeitar palmas.

« Conservei na miseria os juizes; os ignorantes e necessitados ficaram; os talentosos procuraram outra carreira. *Esta é a pedra fundamental do meu system.*

« Aperfeiçoei tanto a minha politica, e achei tão bôas disposições, que obtive fazer da baixeza uma vaidade ou um luxo dos principaes da terra.

« Homens ricos, bem educados, amados por suas mulheres e por seus filhos, com todas as commodidades da vida, não se julgavam felizes enquanto não eram admittidos creados na minha casa; alguns entristeceram e morreram por me ter esquecido de lhes fazer esta *divina graça*. A chusma de solicitadores era tal que faltaram em meu palacio librés sufficientes.

(1) « Os empregados publicos, disse Lamartine, são o exercito do rei». Tocqueville diz que é por intermedio dosfuncionalismo que o rei pôde intervir de mil modos diferentes nos interesses individuaes do cidadão.

« Emfim, em poucos annos estavam quasi todos a meus pés supplicantes, inclusive os successores dos Gracchos. (1) Ei era a agua que matava a sède, o fogo que aquecia, a luz que illuminava e o trigo que nutria. Era uma luta digna de ver-se a que se travára entre os patriotas e os pretorianos para decidirem qual de entre elles seria o primeiro a tirar-me os borzeguins.

« Diverti-me muito, fiz o que quiz, e não matei um homem !

« Grande erro foi o vosso, meus irmãos ! A politica da força faz martyres, e os martyres, como sabeis, resuscitam ; a politica da corrupção faz miseraveis, e os miseraveis apodrecem antes de morrer.

« Vós encontrastes em vossos reinados a invencível resistencia dos cadaveres—vivos, e eu governei pacificamente vivos—cadaveres— (2) vede que grande diferença !

« Quando meachei moribundo, bem vi que os meus cortezãos abandonaram o meu leito, e correram aos pés de meu successor (3) perdoei lhes : é a unica vingança dos miseraveis ».

— « Ave Cesar ! exclamaram os dois outros, e todos tres se sumiram nas trevas. »

Roma, 4 de Fevereiro.

---

(1) Com efeito toda a nação está prostrada, submissa e fraca, aos pés do monarca omnisciente. « Somos um miserável rebanho de ovelhas ! » exclamou no sentido o Sr. Silveira Martins. « Somos escravos livres ! » disse o anno passado o Sr. Ferreira Vianna na camara dos deputados. « Somos uma nação trahida e vilipendiada ! » exclamou também ha poucos dias do alto da tribuna parlamentar o Sr. Amaro Bezerra, acrescentando : « Tudo está baralhado, rebaixado, prostituido ! »

(2) No *Processo da monarquia brasileira*, que estamos publicando diariamente no *Constituinte* provamos a existencia do plano concebido pelo o Imperador de « reduzir a nação ao estado de cadaver » e mostramos os meios pelos quaes elle conseguiu o seu infernal projecto.

(3) E' o que já está acontecendo à vista da proxima abdicação do Imperador : as recepções da herdeira presumptiva da coroa são cada vez mais numerosas.

Ha occasões em que o numero de visitantes do Palacio Izabel é superior ao dos *majores Morin* que vão semanalmente a S. Christovão.



## A V I S O

Antes do fim d'este mez começaremos a publicar nas columnnas do *Constituinte* a serie de cartas politicas que resolvemos dirigir aos eleitores de todo o imperio, e por meio das quaes procuraremos provocar uma agitação salutar dos espiritos até o dia da eleição geral, que deve ter lugar em 15 de janeiro proximo vindouro.

O nosso fim é fazer comprehendér áquelles que tomam parte no governo da nação por meio do voto qual é o verdadeiro alcance e as consequencias inevitaveis d'esse voto.

Temos a esperança de elevar o nível das eleições entre nós. Só por este modo poder-se-ha abrir brecha no despotismo hypocrita, que tanto avulta o mais obscuro e pobre, como o mais illustre e rico que se julga independente por seu saber e pelos meios de subsistencia que possue.

Por estas cartas verá o eleitor o que é o Brazil agora e o que poderá ser no futuro, assim como que o seu bem-estar e a felicidade de sua patria dependem em grande parte do voto que levam ás urnas.

É uma tentativa que deve merecer pelo menos a benevolá attenção d'aquelles dos nossos concidadãos que, conhecendo ou sentindo os males que nos affligem ou nos matam lentamente, ainda não desesperaram de todo de vel-los diminuir ou desapparecer.



## Nosso programma

### I

O programma do *Constituinte* está escripto e justificado no folheto de 54 paginas que publicámos ultimamente sob o titulo :

*Processo da monarchia brasileira.—Necessidade da convocação de uma Constituinte,*

e que por esta razão chamaremos *folheto-programma*.

Esse *folheto-programma* é, conforme declaramos no respectivo texto, apenas o resumo de uma obra que escrevemos e que já estamos transcrevendo nas columnas do nosso jornal, a qual, por sua vez, é o esboço da *segunda historia* que resolvemos escrever do sr. d. Pedro II afim de fazer o *pendant* da que publicámos em Bruxellas, em 1876. Esperamos provar assim que não são somente os imperadores romanos, como affirma Duruy, que têm duas caras, à semelhança de Jano, o deus d'elles, e que, por conseguinte, devem ter duas historias.

Fundando-nos em numerosos factos e nos mais fide-

dignos e autorizados testemunhos, vamos demonstrar :

1. Que o governo pessoal do Imperador, confessado pelos mais notaveis e insuspeitos ex-ministros e chefes dos partidos monarchicos, já não tem limites e que « já nem siquer se salvam as apparecias », como disse o Sr. Afonso Celso na tribuna do senado.

2. Que esse governo pessoal é o principal instrumento de que se tem servido o Imperador para reduzir a nação ao estado de cadaver, pela pobreza e pelo atraço, pobreza e atraço igualmente confessados por chefes dos partidos que sustentam a monarchia, como, por exemplo, o Sr. Saraiva, quando presidente do conselho.

3. Que esse governo pessoal e os seus nefandos effeitos revelam a existencia de um plano politico concebido pelo Imperador para mais seguramente consolidar o seu throno, unico na immensa America republicana, e onde, por consequinte, a *monarchia* é planta exotica.

4. Que é absolutamente necessario oppôr uma barreira à omnipotencia do Imperador, a qual, na phrase do Sr. Ferreira Viana (phrase que recebeu a approvação *unanime* de todos os deputados que a ouviram, por consequente dos ministros em exercicio e dos ex-ministros presentes) « estragou todas as forças vivas da nação », o que implica a confissão tacita, mas nem por isso menos significativa e verídica de estar o Brazil realmente reduzido ao estado de cadaver, como affirmámos. Porque, como disse Montesquieu e Washington confirmou na sua celebre mensagem de despedida, « uma experiençia eterna mostra que o homem investido do poder vai até onde encontra limites ou uma barreira. »

5. Que o *meio* pelo qual se poderá levantar uma barreira à politica do Imperador é a ameaça que se lhe fizer diariamente de ser elle um dia chamado a prestar contas do seu reinado perante a nação soberana reunida em Assembléa constituinte, ou então de ver elle arrebentar bruscamente a colera nacional como um vulcão medonho e terrivel. Esse meio é unico ; é o *jornal diario*.

## II

Com efeito, um jornal que torne palpavel a existencia do plano concebido pelo Imperador de oppôr-se ao progresso do paiz; que prove a impossibilidade em que está a nação de reagir contra a execução d'esse plano; que faça diariamente, por assim dizer, a photographia moral do monarca; que prove de uma maneira irrefutavel e com factos que elle sabe melhor do que ninguem o que convém fazer para o bem e o progresso do paiz, mas que *não quer* fazel-o, nem consente que outros o facam; que explique todos os actos do governo imperial pelos principios que servem de base ao plano e à politica do Imperador; que revele e commente quotidianamente perante a nação os attentados contra ella commettidos por seus governantes; que mostre os meios hypocritas e os artificios infames por que esses attentados são executados sob a capa do bem publico; que demonstre que é a certeza da impunidade que os impelle até o cynismo; que desperte todos os dias uma certa dose, por pequena que seja, da *indignação nacional* pela exhibição das torpezas e dos crimes dos homens que nos governam: um jornal n'estas condições ou será supprimido, violenta ou hypocritamente, pelos autores d'essa torpezas e d'esses crimes, ou acabará por metter medo ao Sr. D. Pedro II.

## III

Mas para que um jornal possa produzir tão beneficos resultados é necesario que elle seja redigido por quem conheça profundamente os nossos homens e as nossas cousas; por quem tenha um conhecimento exacto da situação do paiz e das suas mais urgentes necessi-

dades e reformas; por quem conheça até em seus ultimos detalhes a natureza do governo monarchico e com particularidade as condições de vida da monarchia brazileira; por quem conheça a fundo o systema politico que o Sr. D. Pedro II creou e que, com certeza, será transmittido aos seus sucessores; por quem conheça as manhas e os manejos do autor d'esse systema que chamaremos a *politica imperial ou mephistophelica*; por quem tenha a coragem de desvendar ao paiz todos os segredos d'essa politica e dizer-lhe toda a verdade sem a menor consideração com quem quer que seja; por quem não tenha outras aspirações politicas que não a gloria de ser dos seus concidadãos « o ministro da verdade », gloria real e infinitamente preferivel á ser simples amanuense ou instrumento mais ou menos consciente por alguns mezes do Sr. D. Pedro II; finalmente *por quem jure no altar da patria, perante Deus e os homens de não aceitar cargo algum dado pelo governo imperial.*

## IV

Foi para fazer este *ensaio* que fundámos *O Constituinte* e não hesitamos um só instante em tomar perante o universo os compromissos que constam das condições que acabamos de enumerar.

O programma do jornal compor-se-ha, além das secções noticiais, de critica, de annuncios, etc., de cinco partes fundamentaes.

A primeira, que justifica o titulo escolhido para o jornal terá por objectivo principal a agitação dos espiritos em favor da reunião de uma assembléa constituinte.

Para este fim se demonstrará aos patriotas eminentes de *todos* os partidos e aos nossos homens superiores em geral a necessidade que ha de agruparem-se ao redor da bandeira do Brazil para formarem o nucleo do *partido constituinte*, isto é daquelle que deve dirigir a agitação á

que alludimos. Em quanto não formar-se o nucleo deste partido, tomará o *Constituinte* sobre si a tarefa que os seus fundadores tinham reservado para esse grupo de homens capazes de inspirar a necessaria confiança ao publico.

A segunda parte do programma do jornal será exclusivamente historica. Esta parte comprehendera: 1. a historia politica do Brazil; 2. a segunda historia do sr. d. Pedro II; 3. a transcripção: a) do *Processo da monarchia brazileira*; b) das *Recordações* (uma especie de auto-biographia por onde o leitor verá melhor como ficamos conhecendo de perto o Imperador e o seu genro o Conde d'Eu; c) das obras do dr. Mello Moraes (pai) sobre o Brazil, e de outros autores nacionaes ou estrangeiros que possam instruir-nos, taes como, por exemplo, *O Principe*, de Machiavel, *O Libello do Povo*, por Salles Torres Homem, *A Conferencia dos Divinos*, *A Guerra do Paraguay* etc. Todas estas transcripções serão devidamente commentadas.

A terceira parte constará da analyse e explicação da politica imperial applicada aos actos quotidianos dos ministros, isto é, constará da discussão dos factos politicos diarios.

A quarta parte será doutrinaria, resumidamente e em linguagem ao alcance de todas as intelligencias, e versará sobre os principios da democracia pura, o direito publico em geral, a nossa constituição, etc.

A quinta parte, finalmente, será essencialmente industrial. N'esta parte o jornal servirá de orgão das empresas de interesse geral, quaesquer que sejam os seus iniciadores contanto que tenham as necessarias condições de idoneidade e se recommendem por suas qualidades mo- aes; elle servirá de ponto de apoio aos projectos uteis emanados do governo ou das camaras; indicará ao publico ou proporá ao governo medidas e emprehendimentos de vantagens immediatas e certas para o paiz.

## V

No terreno politico, como no industrial, o jornal agirá com a maxima energia possível, já procurando estimular o espirito d'empreza dos nacionaes e estrangeiros residentes no Brazil, já combatendo a ignorancia (fingida ou real) e a calculada *inercia* dos ministros do Imperador, já tentando despertar a nação do sonno do indifferentissimo em que a mergulhou a politica imperial; já, finalmente, habilitando-a a tratar por si mesmos os seus negocios ou a melhor fiscalisar a sua administração quando confiada a terceiros.

## VI

Eis ahi o programma do *Constituinte*.

Encontraremos da parte dos nossos concidadãos a necessaria animação para perseverar até o fim no nosso patriotico empenho? Lembrém-se elles d'este pensamento de Edgard Quinet que já reproduzimos em substancia: a certeza da impunidade gera o cynismo. E' por causa da certeza que os nossos governantes têm de que tribunal algum os punirá, e tambem por falta de uma barreira que se oppenha aos seus caprichos, que elles têm feito o que têm querido e continuarão a fazér o que quizerem se não nos levantarmos em face d'elles para bradar-lhes: ALTO LÁ; D'AQUI NÃO IRÁS ALÉM!

Não aconselhamos aos nossos patricios a revolução porque ella é irrealisavel, como já o dissemos no nosso folheto-programma; mas, recordando-lhes o proverbio que diz: *quem quer os fins quer os meios*, supplicamos-lhes em nome do amor sagrado da patria que ajudem-nos a soltar diariamente aquelle brado patriotico que produzirá inevitavelmente um d'estes doux effeitos: ou o medo na

alma do Sr. D. Pedro II — o medo, diz Toulotte. (\*) é o segredo dos tyrannos — e então elle conter-se-ha, ou a mina da indignacão publica, e n'este caso a explosão da colera nacional é uma questão de tempo, podendo ser de annos, de mezes ou mesmo de dias.

## VII

Estará tão completamente consummada a obra da monarchia que não devamos ter o menor vislumbre da esperança ? Estará tão apodrecido o cadaver do Brazil que nem mesmo galvanizado ainda pede ser ? Não restará mais aos brazileiros um *restinho* de dignidade e de patriotismo para animarem, sem perigo e quasi sem onus, um patrício a realizar o ideal que concebeu de ser d'elles o ministro da verdade ?

Saibam aquelles que ainda o ignoram que esse patrício já verteu o seu sangue por sua patria e saberá por ella morrer. — ELLE O JURA PERANTE DEUS !



## Conclusão

Pelo programma que acabamos de exhibir e pela execução que já lhe temos dado desde o apparecimento do nosso jornal poderá o leitor julgar da nossa sinceridade; e como por nossa attitude em face da omnipotencia do Imperador nos consideramos como sitiados por todos os lados por um inimigo poderosissimo, e, por isso, precisando de soccoro externo, não hesitamos em fazer um appello patriotico aos nossos patricios dizendo-lhes:

1.º Se recebermos dos nossos concidadãos a indispensavel animação, só teremos motivos para caprichar em bem corresponder á confiança com que nos houverem onrado, porque, alem da gloria que vem d'esta confiança, na a satisfação de um bem entendido interesse, o que só poderá augmentar a nossa independencia e liberdade de accão em face do inimigo commun.

2.º Pedimos que assignem o jornal até o fim do anno; se acharem que até lá cumprimos o nosso programma e realisámos as nossas promessas, continuem a

ajudar-nos renovando a assignatura. Foi para garantir a publicação do jornal que comprámos uma typographia, a do antigo *Diário Portuguez*.

3.º Se pédimos que assignem a folha, de preferencia a comprar os numeros avulsos, é porque a venda na rua importa para nós uma perda de 50 %, alem dos riscos provenientes da infidelidade dos vendedores. Quem não quizer dar o nome no acto de tomar a assignatura poderá ficar sendo conhecido da administração do jornal unicamente pelo numero do talão da assignatura.

4.º A assignatura, além de ser um auxilio certo a quem tem a paiz, com risco de vida, a patriótica empreza de dizer a verdade ao seu paiz, e de exercer sobre os nossos governantes uma pressão que ha de trazer necessariamente beneficos resultados, offerece ao assignante a vantagem de receber a folha á hora certa e sem interrupção, podendo assim fazer colleção das obras que prometemos publicar, taes como *O Principe*, de Machiavel, o *Processo da monarchia brasileira*, *O Libello do povo*, *A Conferencia dos Divinos*, *Recordações*, *A Guerra do Paraguay*, etc.

Estamos publicando diariamente o *Libello do Povo* e o *Processo da monarchia* e já começamos a publicar, nos numeros especiaes dos sabbados (O *suplemento* para o domingo) as *Recordações*.

As *Recordações* são inéditas. E' uma especie de auto-biographia e uma colleção de episódios da vida do redactor d'esta folha. Ha nesta exposição franca, sincera e sem pretenções do autor, muita cousa sobre a guerra do Paraguay e outras que podem servir aos seus concidadãos de uteis lições para a *luta pela existencia* neste e nos seguintes reinados *bragantinos*.

5.º Todo homem intelligente comprehenderá facilmente que, se mallograr-se a nossa tentativa de obrigar os nossos governantes a cumprir a sua missão, será inútil tentar qualquer empreza d'este genero no futuro, e as consequencias d'esse malogro não se farão esperar. Com efeito, se na capital do Imperio, cabeca ou coração da nação, não vingar o nosso projecto; se ali não começar a reacção pacifica e legal contra a politica que reduzin

o paiz ao estado em que se acha, não será para admirar que os autores d'essa politica continuem a praticá-la mais desassombradamente, porque terão adquirido a certeza material da impunidade. O Sr. D. Pedro II tratará então o paiz como a mulher adultera,—que sabe que não precisa salvar as apparencias,—trata o marido que ella sustenta.

O redactor e proprietario do *Constituinte*,

ANFRISO FIALHO.

---

**Observação.**—Assigna-se o jornal no respectivo  
escriptorio, rua do Ouvidor n. 101, na rua de Gonçalves  
Dias n. 33, na Typographia, rua da Quitanda n. 16.  
Podemos completar as assignaturas que forem pedidas  
desde o apparecimento do jornal (1º de Outubro corrente!).

Damos aos nossos agentes, quer pelas assignaturas  
que nos derem, quer pela venda das nossas publicações,  
20 % de commissão.



